

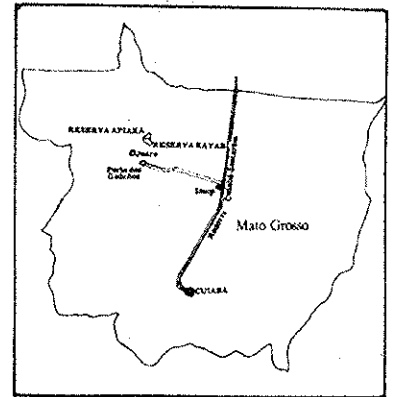
**KAYABÍ/APIAKÁ**

# Usina provoca devastação

Até 1985, a Cemat — Centrais Elétricas do Mato Grosso — espera colocar em funcionamento as turbinas das usinas hidrelétricas Apiaká e Kayabi, no rio dos Peixes, município de Juara, MT, para cuja construção já foi aberta uma estrada de acesso. Se de fato as obras se iniciarem e forem levadas a termo, dois povos indígenas, cujos nomes, ironicamente, se pretende dar às hidrelétricas, sofrerão prejuízos irreparáveis em sua economia, sua organização comunitária e sua vida cultural. A construção das duas usinas, se concretizada, sepultará sob as águas não apenas uma considerável área de terra, mas principalmente a reivindicação dos 120 Kayabi e 60 Apiaká de incorporarem às suas reservas o Salto Kayabi, no rio dos Peixes (ou Tatuí), que está a apenas 500 metros, aproximadamente, da divisa leste das áreas contíguas demarcadas em 1975. Os Kayabi da aldeia Tatuí vêm pleiteando, há seis anos, a ampliação de sua reserva em cerca de 45 Km<sup>2</sup>. Essa área inclui o salto (cuja queda d'água a Cemat quer explorar) e ainda garante, nas margens do rio dos Peixes, a exploração da seringa pelos Apiaká e o abastecimento de taquara para as flechas dos dois povos. PORANTIM recebeu, na segunda quinzena de outubro, duas cartas procedentes daquela área, expondo o problema. Uma delas, escrita por Antônio Carlos Faín, Kayabi do Tatuí (ao lado), e a outra, assinada por vários líderes dos Kayabi do Tatuí, Kayabi do Xingu e Apiaká (pág. 14).



Lideranças Kayabi, unidas, defendem seu meio ambiente ameaçado



**Reservas mínimas, ilhas perdidas no meio das fazendas**

Quando foram demarcadas, há oito anos, as reservas dos Kayabi do Tatuí e dos Apiaká pareciam ter dimensão suficiente para abrigar as duas populações. Naquele tempo, porém, as fazendas e colonizadoras ainda não haviam cercado essas áreas indígenas. Os Kayabi e Apiaká circulavam livremente além das áreas demarcadas, para buscar taquara e extrair seringa. O salto no rio dos Peixes, embora fora da área reservada, era realmente deles. Mas chegaram as fazendas e a Cemat...

## Carta denuncia invasão da Cemat

Prezados leitores do PORANTIM

Enviamos esta carta a vocês do PORANTIM a nossa denúncia: que estamos passando grande dificuldade da invasão da nossa Reserva Kayabi.

A primeira invasão aconteceu em julho de 1982, no qual havia derrubada dentro da reserva, por Raimundo Gois, na parte que queremos demarcar na margem direita do Rio dos Peixes, e também cercar o córrego Jaú. E essa invasão tinha um empregado que tomava conta.

Em Agosto do mesmo ano, vieram os Kayabi do Parque Xingu. Nesta ocasião fomos lá, mandamos empregado embora, este tinha apelido por Cuiabano; tomamos tudo que tinha e derrubamos a casa dele. A segunda invasão que está sendo é a maior destruição do salto Kayabi pela Cemat. Que essa construção da usina hidrelétrica tirará todo nosso sossego.

A comunidade Kayabi e Apiaká está em grande invasão da Reserva Indígena Kayabi, principalmente o salto Kayabi situado no rio dos Peixes. No mesmo ano que expulsamos o Cuiabano entra também duas firmas contratadas pela Cemat.

Estas firmas já tinha construído uma casa, que esta ca-

sa tinha o valor máximo de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). E fizemos a mesma coisa como o caso do Cuiabano, abrimos as portas da casa e carregamos tudo que tinha dentro, fomos tirando as portas e tábuas.

E neste ano já vieram outra firma no qual estão trabalhando na construção da estrada. Por isto motivo, a Funai até agora não tomou nada providência, principalmente na demarcação e aumento de área para nós. Já está com 6 anos que estamos lutando pela demarcação da terra Kayabi. E enviamos várias cartas à Cuiabá (5ª DR — Funai) e em Brasília, até agora nada, somente a promessa.

Por isso motivo, as comunidades Kayabi e Apiaká não aceitamos absolutamente a construção da usina hidrelétrica no salto Kayabi no rio dos Peixes. Porque a usina trará grande prejuízo para as duas comunidades indígenas. Queremos somente a vida, e a demarcação das terras que há vários anos vem pedindo pela Funai. Por isso não aceitamos a construção da usina, mas sim a demarcação da nossa terra.

Porque muitos fazendeiros falam porque é que os índios querem terra, queremos para a nossa sobrevivência.

Por que é que muitos fazendeiros possui 3, 4 ou 5 fazendas, que só pensa em si. Que maiorias dos brasileiros ficam sem terra para viver. Além disso, os fazendeiros rouba as terras dos outros, põe jagunços para grilar as terras dos outros e também nas reservas indígenas. E que fazendeiros respeite a lei do Brasil e Estatuto do Índio. Que o governo ainda não sabe respeitar o direito humano dos povos indígenas do Brasil, que os governadores dos Estados e Presidente da República que ponha a mão na cabeça e na consciência. Si os governos e Presidente não pnharem a mão na cabeça é porque ainda estão analfabeto. Que nós índios sabemos muito o que são responsável.

Por isso motivo que o PORANTIM publique a nossa denúncia que acontece na reserva Kayabi e Apiaká pela invasão na construção da usina.

Pedimos também em nome das duas comunidades que publica em jornais em grandes impressos, que fique sabendo que não aceitamos absolutamente a construção da usina no Salto Kayabi. Motivo, tirará nosso sossego, grande prejuízo para comunidades, como na caça, pesca, taquara, armas mais perigosa do nosso uso e também a parte da saúde que são mais importante. E pedimos tam-

bem que apresente esta denúncia ao Presidente da Funai e ao Presidente da República, não aceitamos absolutamente a construção da usina hidrelétrica no salto Kayabi, no rio dos Peixes.

Em primeiro lugar que quando decretou a construção da usina, não comunicou nada para comunidades indígenas que moram no rio dos Peixes. Por isso motivo, pedimos apoio no rádio, na televisão e nos jornais. E que a Cemat não contrata mais nem uma firma para construção da usina para ano de 1984. Si continuarem entrar será em guerra. Só assim autoridades esquece a sua política. Política não queremos, mas sim demarcação da terra, que queremos a demarcação imediatamente, enquanto antes. Si Funai não abrir os olhos, nós vendo peões na reserva, nós não damos "bom dia" e nem "boa tarde", e será flechado imediatamente. Esperamos apoio de vocês, no PORANTIM, que aceita nossa denúncia pelas duas comunidades. Estamos gostando do trabalho de vocês e que PORANTIM continue firme na causa indígena de todo Brasil. Sou assinante da Comunidade da Reserva da tribo Kayabi.

E agradecemos pelas suas colaborações

**ANTÔNIO CARLOS FAÍN**

KAYABÍ/APIAKÁ

# "Vão destruir a natureza"

**N**ós Kayabí e Apiaká das respectivas Reservas Indígenas, juntamente com mais cinco Kayabí em visita do Xingu, nos reunimos nesta data e consideramos o que será escrito abaixo e por nós assinado.

A usina que querem construir no nosso Salto não trará nenhuma vantagem para nós Apiaká e Kayabí.

Na opinião de todos os índios Kayabí e Apiaká, essa usina trará somente prejuízo para nós, porque nós índios matamos bicho selvagem para alimento, e os fazendeiros são diferentes do que os índios, fazendeiro mata dois ou três boi para eles se manter. Então é preciso não permitir a construção da usina.

Se construírem a usina vão destruir um lugar que sempre ocupamos:

— vão destruir a natureza; não queremos que destruam ainda essa parte da natureza; a hidrelétrica destruirá o Salto; mas nenhuma firma paga o Salto;

— vão destruir a água pela poluição, pela diminuição de oxigênio que a queda do Salto permitia;

— já na construção vão poluir a água que cria peixe para nós, a água na qual banhamos, a água que levamos para nossas casas; pessoal civilizado mata peixe, jacaré e outros bichos e deixam na água que nós vamos tomar aqui mais embaixo;

— vão destruir a flecha; onde vamos achar a flecha? Lá no Xingu não tem flecha e precisa muita taquara para fazer flecha;

— vão destruir grande quantidade de caça e pesca, importantes para a nossa alimentação, sustento de nossas crianças e nossa sobrevivência;

— vão destruir com isso nosso último lugar de valor



Xilogravuras de Elvo



mitico-religioso. Sua profanação equivale a arrancar pedaço da alma de cada um de nós.

Os civilizados pensam no dinheiro que chamam de desenvolvimento — este que já permitiu que invadissem as terras que ocupávamos livremente no Teles Pires, rio dos Peixes até o rio Arinos. Agora querem ainda vulnerar o último restinho de terra que seguramos. Talvez vocês não compreendam, mas para nós é imprescindível que respeitem o rio dos Peixes e deixem o Salto como está.

Soubemos do sofrimento dos índios desalojados pela barragem da Itaipu. Já que fizeram aquilo, podem trazer

energia que tem lá para o pessoal dessa região. Escutamos também notícia triste dos índios Parakanã e outros que são expulsos de suas terras pelas águas da represa do Tucuruí. Alguns civilizados que viram o que aconteceu com os índios atingidos pela Itaipu nos contaram dos prejuízos. A terra, o Salto é nosso. Por que vocês querem tirar também isso de nós?

Diz que a Funai está cuidando do índio, isso é mentira; estão enriquecendo às custas do índio. No lugar de cuidar, só dão algumas miçangas.

Fazendeiro para começar eles começa a acarinhar os índios como se fosse cavalo

brabo, depois quando fazendeiro ver que os índios está entregue a ele, aí é hora que eles põe ponta pè nos índios. Assim está, não sabemos o que é que vai acontecer mais tarde.

Da outra vez que entrar um dos peões da fazenda na área demarcada, vai ser arrancado o couro da cabeça para fazer peruca. Porque nós índios estamos sendo encostados pelos fazendeiros como se fosse um animal, nós índios não precisamos de tudo isso, dizem; nós não somos vacas para viver num lugar cercado que é uma área pequena; depois que tivemos grande terreno ficamos com pequeno terreno, porque onde os índios

morem, os índios devia ter direito de viver. Devemos também ser respeitado pelos fazendeiros, e os índios também respeitará o fazendeiro.

Além de já não recebermos a demarcação da área de correção de nossas reservas, que é importante para nós, ainda estão ameaçando tomar outro pedaço desse último resto de nosso território que os fazendeiros e o Estado já tomaram de nós. Nós que podíamos invadir a terra que tomaram de nós. Nós no entanto, ficamos aqui nesse cercadinho, parecendo prisioneiro num território onde andávamos e lutávamos livremente.

Já tomaram quase toda a nossa terra, e trouxeram doenças que matou muito de nós. Não podemos mais viver? Para os bichos tem lei para proteger, será que valemos menos do que uma onça ou um jacaré?

Sobretudo a barragem será uma arma contra nós índios Apiaká e Kayabí. Qualquer problema e vão largar a água por cima de nós e acabar conosco. Não tem dinheiro que paga o Salto, a gente quer viver também. Não sei porque essa gente quer tanta terra!? Basta aquele tanto aquele que tomaram dos índios. Queremos viver sossegado neste pouco que sobrou para nós.

Hará wy aree hare Ka'ara-na Kwasiari enewe janum eree ki gâ mumu'á hara wy pypiraá uka'á horo ma'è ree tee hore rekoí janum ymã teãã kweje gâ munu'i jaú futata'é Koréé pemetee Te'aã enee k'ié'i. Wópó yayay sipó gâ pa horo'è hore enewe jepi. Tapy'i aujeenepó. Ojójee.

Jeremiapóferá janum (Tamaná Luciano, Ta-tui, MT, 16-10-1983)

MORONGUETA



Renato Tadeu Chagas

**ASSINE O JORNAL**

**PORANTIM**  
EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

PORANTIM é um jornal de informação, análise e denúncia, que surgiu há 5 anos, para apoiar a luta dos povos indígenas.

PORANTIM, publicação mensal do Conselho Indigenista Missionário/CIMI, significa em *sateré-maué* **paço, arma, memória.**

Estou enviando Vale Postal  ou Cheque Nominal   
para uma ASSINATURA ANUAL - Cr\$ 5.500,00   
ASSINATURA DE APOIO - Cr\$ 8.000,00

em favor de  
CIMI/PORANTIM - Caixa Postal 11-1159  
70084 - Brasília - DF

FAÇA 5 ASSINATURAS E GANHE UMA GRÁTIS

nome \_\_\_\_\_  
end. \_\_\_\_\_  
cep \_\_\_\_\_ cidade \_\_\_\_\_ est. \_\_\_\_\_

**EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA**